



A Saga de

# Mitrax

# O Fogo de Dracmali

(preview)

Autor:

Sérgio Roberto de Paulo

[www.mitraxsaga.com](http://www.mitraxsaga.com)

[www.facebook.com/sagademitrax](https://www.facebook.com/sagademitrax)



As fornidas trombetas élficas soaram naquele funesto amanhecer. A alva neblina que se elevava do majestoso Sanco ainda não se dispersara, quando uma linha de esplêndidos lanceiros karnevianos avançou, subindo o extenso aclave do terreno. O lendário príncipe Albion, montado sobre seu reluzente cavalo prateado, trotava logo atrás, com a dura face da determinação vazando por sob o inquebrantável elmo de prata, com insígnias e alto-relevos athlânteos. Mais adiante, a breve quilômetro, formava-se outra linha, que mal podia ser reconhecida por entre a densa névoa. Cavaleiros e guerreiros nus, de tribos Olmatak, com peles escurecidas por tatuagens, os subservientes das cruéis salamandras. Cento e vinte mil, segundo segura contagem posterior. Sendo apenas vinte e cinco mil, os lanceiros karnevianos estavam em nítida desvantagem numérica. Contudo, o príncipe élfico estava confiante. Aquela era uma inquebrantável linha de elite. Elfos notus especialmente treinados na Academia dos Ares da etérea Lothar Eralda. Por entre a gélida neblina, suas argêntas armaduras brilhavam resplandecendo ao sol nascente, enquanto a linha avançava resoluto e disciplinada, elevando todos os elfos a mesma perna, no mesmo compasso, metro a metro, como um único animal centopéico. Suas fornidas lanças metálicas vinham na vertical, seguras por ambas as mãos, em posição de marcha disciplinada. Contudo, aos cavaleiros selvagens se precipitarem morro abaixo, qual uma frota de grous impávidos, os intrépidos combatentes élficos, seguramente blindados em suas ornadas armaduras, baixaram suas portentosas lanças, um a um, em seqüência, qual sopro de vento, a rodopiar.

Quando as linhas antagônicas se encontraram, tal qual as águas de dois ruidosos rios, muitos destemidos cavaleiros selvagens tentaram pular a linha piqueira. Muitos valorosos cavalos tiveram os baixos ventres rasgados pelas lanças, enquanto que poucos outros obtiveram sucesso no corajoso salto, rumando contra o vistoso príncipe, para matá-lo. Entretanto, Albion de terrível face não conhecia nem mesmo a pernicioso silhueta do medo, assim, o elfo de duras faces, no uso de sua invejável espada, dizimou impiedosamente tantos quantos lhe acercaram, enquanto que os irreduzíveis lanceiros incansavelmente extinguíam os descuidosos cavaleiros selvagens, tal qual a água evapora sob a inquestionável imensidão do Sol.

E ali, naquelas inóspitas terras goliahnas, onde há mil anos não pisava qualquer discreto elemental do ar, qualquer sentimento jamais podia ser constatado sob aqueles suntuosos elmos de prata, exceto uma sólida sede de vingança, em nome daquela que, outrora, fora a maior nação da Micropella. As espadas do norte não podiam transpassar aquelas espessas carapaças metálicas e as rústicas lâminas aborígenes quebravam-se, qual galhos ressequidos, ao atingirem aqueles intransponíveis elmos. E assim, rapidamente, qual o tempo nos anos de fartura, aqueles honrosos cavaleiros, todos, visitaram o obscuro mundo dos mortos.

Não obstante, mais cem milhares de selvagens nus rumaram contra os embevecidos karnevianos. Mas, naquele momento, com as bênçãos do bélico Zephyros, um cardume de dragões verdes cruzou o céu, liderados pelo não menos valoroso príncipe Mordarion. Munido de seu incomparável arco de mil flechas, sobrevoou o respeitável inimigo, à frente de dezenas de eminentes arqueiros dragonianos, despachando centenas de dardos certos, que mancharam o brônzeo solo, com o rubro sangue dos servidores salamândricos.

E assim, transpassados por flechas ou varados por indiferentes lanças brilhantes, tombou aqui aquela divisão olmatak. Suas almas correram ao norte, seguindo o curso do inabalável rio, ajoelhando-se posteriormente aos pés do terrível Mitrax.

Mais tarde, próximo ao ocaso, no histórico dia de 19 de maio do ano dois antes da Era dos Grandes Reis e Rainhas, enquanto elfos e gigantes jogavam os pulsilâmines corpos sem vida dos inimigos no frondoso rio Sanco, para que este os despejasse aos pés de Mitrax, foi quando terminou-se a sólida ponte de madeira, sustentada por fixos barcos. Assim, o inigualável Alionor conquistou a margem leste do imorredouro rio e fincava os divinos pés sobre território salamândrico. Naquele púrpuro final de tarde, iniciou-se o transporte das incríveis máquinas de guerra por sobre a ponte. Arietes e catapultas gigantes. Torres de assalto sombrias e os memoráveis trebuchetes brunalianos de trinta metros de altura.

No início da memorável noite, um grande número de tendas foi armado na suave colina que prosseguia além da abrupta margem do respeitável Sanco, tantas que a vista não poderia captá-las todas. Foi lá que aconteceu a inesquecível conferência dos reis, príncipes e generais, para a assombrosa decisão sobre o famoso cerco a Piramar.

Estavam ali reunidos, sob a lona da mais frondosa e vistosa das tendas, sob dezenas de estandartes, os mais valorosos personagens. Alionor de olhos de coruja, o Rei de Espadas, senhor dos homens, líder da campanha, ladeado pelo lendário Vista Grande, seu melhor conselheiro. Parecia apenas um menino, ao lado de gigantes e príncipes, pois mal completara dezessete anos, e não portava coroa sobre a cabeça, nem preciosos trajes, sendo protegido dos ventos apenas por uma vestimenta de couro marrom, embora a incomensurável espada nuai – aquela que seria chamada de espada das espadas e que encerrava a alma do príncipe Sith - lhe pendesse da cintura. O rei dos homens, o portador do estandarte que clamava pela liberdade dos humanos, em pé, estava pensativo, qual criança a sonhar, mas, ao mesmo tempo, preocupado, como as corajosas mães, antes do parto. Mantinha as mãos unidas nas costas, mirando o árido chão.

Do lado oposto ao rei, estava a poderosa Meissa que, qual uma adolescente, linda e displicente, encostava-se numa das grossas hastes que sustentavam a frondosa lona. Olhava para as próprias unhas, parecendo não prestar atenção ao que ali era dito. Seu sinuoso e inelutável cajado jazia ao seu lado, parcialmente coberto de pó.

Do lado leste do recinto, estavam os elfos. Onze notus. Cochichavam entre si na antiga língua athlanda, de vez em quando, embora a memorável conferência se desse na língua tuê, a qual todos ali entendiam. Dentre os alvos elfos, destacavam-se os dois príncipes karnevianos: o esguio e desconfiado Mordarion, líder dos arqueiros voadores, e o bravo e impaciente Albion, o supremo senhor dos elfos naquela campanha. Eles ouviam atentamente cada palavra ali proferida, analisando uma a uma, qual águia a espreitar a vítima.

Do lado oeste, estavam os gigantes. Mas o rei Nestor não estava lá, pois, desde a morte do filho querido, perdera a vontade de viver, e se prostara em seu leito de morte, até o fim dos seus inenarráveis dias. Respondiam pela nação tuê os príncipes Noruah e Shiath.

Estavam em oito, sendo seis generais. Esses, qual cães destemidos, pareciam se divertir, rindo da preocupação dos elfos, sentados displicentemente no chão, a comer frutas e pães. Mas os príncipes estavam de pé, olhando os demais de cima para baixo. O jovem e correto Noruah, com sua face quadrada, sobranceiras espessas e cabelos lisos e desgrenhados, ouvia tudo, com os braços cruzados e o já idoso Shiath, calvo e com profundas marcas de presas de kiches na brônzea face parecia descontente com o que ouvia.

Tal atitude contrastava frontalmente com a dos gnomos que, amontoados ao lado de Meissa, já estavam meio tontos, passando generosos odres de vinho uns para os outros, pouco atentos ao que acontecia ali. Guldariar, o absoluto rei gnômico pouco se distinguia dos demais.

Mas quem falava não era nenhum deles, mas o valoroso e incomparável Sirius, que se posicionava firmemente no centro do recinto, segurando o seu invencível cajado.

E disse o grã-sacerdote lumeraeano:

-...e não haverá resistência daqui até Piramar. Mas lá chegando... não será nada fácil...

-Bah! – exclamou o príncipe Noruah, - nossos carneiros colocarão aqueles portões abaixo nas primeiras horas!

Os colossais generais tuês balbuciam alto, concordando barulhentemente com o seu príncipe.

-Aqueles portões são feitos de ferro fundido – explicou o paciente e sensato Sirius – e têm um metro e meio de espessura. São tão pesados que mesmo que um bando de gigantes alinhados ao longo de sua extensão, não conseguiriam deslocá-lo. Além do mais, não têm cabos ou reentrâncias onde segurar. Assim, as folhas se movem apenas se empurradas e o portão abre de dentro para fora.

-Bobagem! – gritou o impaciente Noruah, sentindo-se desafiado – o anjo garantiu que o carneiro que nos presenteou destrói qualquer portão existente nesse mundo!

-Jamais conseguireis deslocar o carneiro – disse o preocupado príncipe Mordarion. – Haverá uma chuva de fogo ao redor da cidade e os dragões desintegrarão qualquer um que estiver empurrando vossas máquinas.

Mas o jovem príncipe tuê pareceu se ofender com a fala do elfo. Estufou o amplo peito e bradou:

-Não conheceis a bravura dos tuês! Além do mais, vós é que deveis cuidar dos dragões!

-A bravura pouco adiantará no meio das chamas! – gritou o valoroso elfo em resposta.

Mas, vendo que a tensão entre os lendários aliados se intensificava, o célere Sirius tratou de tomar a condução da notável discussão. Com a sua divina autoridade, bateu três vezes com o cajado no chão e vociferou, como se um coro de mil trombetas entoassem:

-Jamais qualquer um de vós lutou contra uma salamandra. Nossa única chance é usar nossas mentes e nossa inteligência! Por mais ágeis que sejam os dragões verdes karnevianos, por mais precisas que sejam as flechas de Mordarion, duvido que poderiam sequer representar um risco mínimo aos dragões salamandrinos, especialmente os rubros. Sua couraça é intransponível por armas ordinárias. Suas asas são vulneráveis em pequenas áreas não fundamentais. O papel que a arquearia aérea élfica desempenhará nessa campanha será a de eliminar o contingente de selvagens que ainda resta por trás das muralhas da cidade, os quais, presumo eu, estarão controlando as catapultas. Portanto, esqueci os dragões salamandrinos. O máximo que poderemos fazer é desviarmo-nos de suas chamas. E se algum se aproximar de vós, lembrai-vos: jamais os espetai na barriga. – Depois o respeitável mago tomou fôlego e continuou com uma voz mais branda: - A única forma de matar um dragão é decepando-lhe a cabeça.

-Nossos informantes nos disseram que apenas dragões vermelhos ainda são vistos em torno de Piramar – informou o perspicaz Vista Grande. - Dizem que um grande contingente de salamandras seguiu para o norte, acompanhado dos demais dragões, e que Mitrax doou as terras do Deserto de Damantium a elas.

-E por que Mitrax faria uma coisa dessas? – indagou o alcoólico Guldariar.

-E quem é que entende Mitrax? – foi a resposta do experiente cavaleiro humano.

-Agradeço se não tivermos que lutar contra dragões negros – declarou o corajoso Albion, com uma expressão sinistra. – A aproximação daqueles monstros nos gela a alma e nos torna escuros e sombrios. Já vi muitos valorosos elfos transformando-se em tuellais diante da mera aproximação de um dragão sinistro.

Então, o memorável Alionor de olhos de coruja, que a tudo observava calado, se manifestou:

-Senhores, temos que resolver algo objetivamente: os portões.

Então, todos falaram ao mesmo tempo. Os estrondosos gigantes afirmavam que o angelical carneiro derrubaria o portão principal. Os cétricos elfos duvidavam e desdenhavam. Assim, Sirius bateu novamente o sólido cajado no chão, até que silenciassem, e continuou:

-Existe um ponto fraco naquele portão. Duvido que o carneiro de Belial consiga ao menos danificá-lo, mas... se concentrarmos a sua ação numa das dobradiças que o prendem ao muro, talvez possamos derrubá-lo! Mas, isso demandará um longo tempo e as salamandras concentrariam ali a sua defesa. Precisamos, então, de outra linha de ação paralela, algo que desvie a defesa do inimigo nesse ponto, uma distração...

Nesse momento, todos silenciaram, pois a ninguém ocorreu inspiradas idéias de como fazê-lo. Até que se ouviu um pigarrear, um estranho arranhar de garganta proveniente do rei dos gnomos. O formidável Sirius elevou o olhar em direção ao gnomo e então Guldariar, um tanto tonto pelo vinho, olhou para as próprias unhas, enegrecidas pela sujeira da terra, e confessou:

-Estamos cavando um túnel...

A audiência, na sua totalidade, mirou espantada o gnomo.

-Um túnel secreto, evidentemente – continuou Guldariar.

Embora todos estivessem pasmos, pude ver claro como o dia que o inesquecível rosto do rei de espadas se iluminou, qual farol que é avistado com esperança no distante horizonte, entremeando um sorriso.

-Vamos cavar e sair do lado de dentro daquele portão – explicou o lendário elemental da terra. – Então aqueles homens de fogo de uma figa terão bastante distração!

-Muitos gnomos vão perecer nessa empreitada, Guldariar – comentou o aflito Alionor.

-É! Por isso vamos tomar quanto vinho pudermos até lá! – respondeu o diminuto rei da terra, erguendo o já quase vazio odre.

-E quanto tempo precisarás para cavar o túnel? – indagou o rei dos homens.

-Três meses, a partir do início do cerco!

Mal o destemido Guldariar havia terminado a sua fala, já o veloz Alionor, com asas nos pés, emendou:

-Um mês é o que terás!

-Um mês! Vá lá! – foi a resposta do gnomo, erguendo novamente o odre, como se consagrasse cada fala.

Alionor olhou desconfiadamente para ele, qual macaco a abandonar a árvore. Guldariar era malandro tal qual uma ariranha. Certamente pedira três meses por saber que o rei lhe daria apenas um. Mas o indescritível rei de espadas ainda não estava satisfeito:

-Está bem, senhores, os gnomos proporcionarão a distração necessária, mas há uma coisa a mais que terás que fazer, Guldariar.

-O que? – indagou ele, surpreso. – Tem mais?

-Sim. Quando penetrarmos por aquele portão, caberá aos gnomos encontrar e destruir os ovos. Vós sois pequenos e espertos. Devereis encontrá-los e destruir um a um. Não quero mais salamandras em Brenor!

Guldariar fechou um dos vivazes olhos, mantendo o outro aberto:

-Ah, é? Tudo nós? Então, quando essa guerra terminar, vamos exigir compensação!

-Negociaremos depois – foi a resposta do rei.

O gnomo nada disse, aceitando a incumbência, limitando-se a erguer o odre pela terceira vez. E, então, o inenarrável Sirius retomou a palavra:



-Quando entrarmos na cidade, vivenciaremos o terror. Acredito que os milhares de selvagens logo serão superados, mas depois teremos pela frente os homens de fogo, e depois algo ainda mais terrível, as próprias salamandras... Nesse momento, os poucos que sobreviverem poderão dizer que já estiveram no inferno, pois o céu e a terra estarão pegando fogo e vossas armaduras estarão derretendo...

O portentoso mago disse aquilo com uma voz sombria olhando para o nada, não com a intenção de desencorajar, é claro, mas para preparar os memoráveis aliados. Após alguns segundos de silêncio, foi o bravo Albion quem falou:

-Cuidarei das salamandras e não perecerei até que a cabeça de Baraktomaraht não role aos meus pés!

E o herdeiro do trono de Karnevia disse aquilo com ódio no coração, um ódio construído ao longo de mil anos, carregado por um desejo de vingança por todo mal e destruição que as pérfidas salamandras, no passado, impuseram à magnífica nação élfica.

-Mas lembra-te, Albion – disse o luminífero Sirius, - somente um tolo tentaria matar uma salamandra, embora seja isso que teremos que fazer. Nenhuma espada pode perfurar aquela couraça mineral e só existe um ponto vulnerável às vossas cimitarras: a base do pescoço. Mas, para perfurá-la, o valoroso guerreiro deverá mergulhar nas chamas do inferno!

Albion, com os olhos ainda inflamados de ódio, nada disse, limitando-se a realizar um sutil gesto de concordância com a cabeça.

Mas, vendo a bravura o príncipe élfico, os tuês não poderiam ficar atrás. O experiente Shiath, também resoluto, foi o próximo a se manifestar:

-Pois não cairei diante da terra enquanto o carneiro não derrubar aquele portão, nem que todos os dragões salamandrinos se acerquem de mim, despejando as suas labaredas!

-Não é com os dragões salamandrinos que me preocupo, irmão – declarou o irrequieto Noruah, - mas um dragão em particular: o gigante, o senhor dos dragões!

E, diante do silêncio dos demais, foi o histórico Vista Grande quem falou, mirando o nada, como se delirasse:

-Pharmagon, o dragão vindo de outro mundo... Aquele que nem o Arcanjo Miguel conseguiu matar... O monstro que, de tão grande, poderia abrigar um homem em pé na sua boca. Ficou um milhão de anos aprisionado numa espessa crosta de gelo. Resgatado de baixo da neve do País de Gelo do extremo sul por gnomos exploradores, há mais de três mil anos. Como se tornou subserviente das salamandras ninguém sabe. A fera que não pode ser vencida...

Então, houve profundo silêncio, pois nenhum dos vigorosos presentes tinha qualquer pálida idéia de como enfrentar aquele terrível dragão. Mas o silêncio foi quebrado corajosamente de novo. Pois o inigualável Sirius novamente se posicionou, parecendo bem mais alto do que fato era, expondo a grandeza de sua inquebrantável alma:

-Cuidarei de Pharmagon. Não deveis vos preocupar com ele!

Nesse momento, meus olhos de lince notaram que Meissa que, até então, estivera hermeticamente quieta, se sobressaltou, qual pássaro que tivesse o ninho assaltado, e seu invejável peito começara a arfar. Mas ela nada disse, e seus voláteis olhos revelaram que ela não abandonaria seu amado mestre no fatídico momento que se aproximaria.

Depois de alguns instantes, para dar por encerrada a reunião, Alionor de brônzeos cabelos elevou a espada nuai e declarou:

-Que o Senhor da Luz esteja conosco!

-Em nome de Azaziel, o pai da nação tuê – declarou o vigoroso Shiath – derrotaremos as salamandras!

-Que Talmariar esteja conosco! – disse Guldariar erguendo o odre pela quarta vez.

-Que o Zephyros sopra ao nosso favor! – disseram em uníssono os príncipes élficos.

E, como havia previsto o magnânime Sirius, durante as três longas próximas semanas, os invejáveis exércitos aliados avançaram ao úmido leste, encontrando pouca resistência e, no memorável dia de 16 de junho, dois anos antes do início da Era dos Grandes Reis e Rainhas, iniciou-se o histórico cerco a Piramar. Os aliados montaram seus acampamentos num círculo formado a cinco quilômetros das muralhas avermelhadas da cidade, a esperar que o artístico trabalho dos mineiros gnômicos estivesse completo. E, com esses deslumbrados olhos, pude contemplar, pela primeira vez, o halo amarelecido, que se elevava sobre a cidade, qual alma ígnea revelada, brilhando na noite profunda, proveniente das altas labaredas exaladas dos gêiseres de fogo e da lava cadente pertencente às eternas cascatas de fogo, situadas bem na região central da cidade.

Sob o cegante manto de tal halo, as fornidas muralhas constituídas por sólidos blocos vermelhos, pareciam sombrias, gélidas e silentes, qual feras que esperassem pacientemente pelas vítimas que as alimentariam.

E era para essas muralhas que o rei olhava, qual gavião a aguardar paciente, todas as noites, por longas e longas horas. O que pensava era um mistério insondável. E, eu, a mirá-lo com admiração, via sombras se contorcendo sobre as suas brônzeas faces, e o fogo que se refletia nos seus profundos olhos. Aquele menino que já seria o maior dos homens.

Mas, no tempo em que Guldariar prometera, os gnomos atingiram o final do túnel, saindo nas proximidades do invulnerável portão. Era o inesquecível 15 de julho, duas horas antes do fulgurante Sol nascer, quando um silencioso bando de gnomos saiu da terra.

Desde o início da noite, os resolutos tuês alimentaram aquela fera de ferro, a qual chamavam carneiro, com generosos litros de água. Jogaram quantidades imensas de carvão na sua fornalha, até que o escaldante vapor fluisse espesso por suas guelras. E, no meio da noite,

o monstro partiu, movendo-se sozinho sobre fornidas rodas, balançando sua imensa cabeça de carneiro para frente e para trás, cercado por uma centúria de gigantes vestidos de preto, protegidos pela profunda escuridão daquele céu sem lua. E, quando a fera metálica abandonou o acampamento, pude vê-la passando diante de meus incrédulos olhos, qual mamute imenso, exibindo na lateral o temível símbolo de Barad-dhur: um par de asas alvas. Não um par de asas de morcego, tais quais tinha o anjo que o criou, mas as puras asas de um cândido ser celestial.

À frente do carneiro, marchava o orgulhoso e intrépido Shiath, disposto a elevar a fama da orgulhosa nação tuê às alturas e dignificar o nome do memorável Nestor. Em sua grossa cintura, pendia aquela que seria chamada esplechid, a segunda espada nuai.

Pouco além do extenso acampamento, uma linha de lustrosos lanceiros élficos se formava, segurando aquelas formidáveis armas de prata que, ao longo dos próximos dez prósperos anos, daria origem à Ordem dos Lanceiros Brenorianos. Mas cegantes e reluzentes eram tais lanceiros, submersos em suas vistosas armaduras prateadas repletas de símbolos em alto relevo, símbolos que contavam histórias sobre a antiga Athlanda, que fora impiedosamente destruída pelas elementais do fogo. E era o fogo que já reluzia nas suas armaduras e, assim, tiveram que esperar para não alertar os cansados vigilantes da ígnea Piramar.

Mas, ainda estando abertas as requintadas viseiras, era o ódio que via estampado escancaradamente naqueles olhos claros, um ódio cultivado ao longo de um longo milênio. Assim, liderados pelo formidável Albion, eles aguardavam, os lanceiros do vento, passeando impacientemente seus dedos sobre as hastes das lanças, depositadas verticalmente no chão.

Atrás dos elfos, formou-se uma grossa fileira de destemidos tuês lanceiros montados em troglodroms. Os sedentos lagartos gigantes babavam, mas era um veneno esverdeado que vi escorrendo do canto da boca desses monstros, dentre os extensos dentes ponteados. O papo desses vorazes animais subia e descia, emitindo um típico som semelhante ao das rãs imersas num sereno lago.

Longe da magnificência e sofisticação dos trajes élficos, os gigantes trajavam breves e descuidadas vestes de couro, e portavam simples mas grossas lanças de escura madeira, com uma rústica mas letal ponta de metal.

Ainda, após os tuês, vinha a veloz cavalaria humana, liderada por não menos que o rei dos reis. O menino de olhos de amêndoa que desafiaria Mitrax.

Os elfos esperaram controladamente o carneiro se distanciar na noite profunda e, quando já tinha boa vantagem, o valoroso Albion passou em frente a vistosa linha, com passos firmes e medidos. Falou, com voz de trovão, lembrando o passado aos guerreiros notus, sobre como as pérfidas salamandras haviam destruído Ithra Maras, dizimado Ewê Dortas e incendiado a magnânima Lothar Prima até as cinzas. E exaltou os companheiros que aquele seria o último dia das salamandras neste lado das Montanhas de Fogo.

Então, o inigualável príncipe karneviano retirou bravamente uma das cimitarras das costas e, erguendo-a aos escuros céus, clamando pelos ventos, bradou:

-Por Bhorgus! Por Athlon!

E, assim, os bravos guerreiros élficos baixaram as lanças, um após outro, em harmônico movimento sincronizado, e passaram a marchar a frente. Sabiam que logo seriam vistos, com o fogo a refletir cegante na clara prata, mas esse era o objetivo, já que intencionavam desviar a atenção do oculto carneiro.

As demais colunas partiram atrás, tais quais patos a seguir o líder nos céus. E foi nesse histórico instante que os gnomos apareceram do chão, no interior da impenetrável cidade. E o que passo a narrar se baseia no que é mais plausível, diante das inúmeras versões relatadas dezenas de vezes pelo próprio Guldariar, posteriormente.

Saíram silenciosamente do final do túnel, não sendo percebidos imediatamente. Viram, em primeiro lugar, um silente bando de quatro trolls cinzentos e apagados homens de fogo sobre as espessas muralhas, vigiando a noite, olhando para fora. Em princípio, após mais de uma centena deles ter emergido do modesto buraco, os gnomos ficaram indignados, pois ninguém os notara. Mas eles trouxeram um livro, escrito pelo lendário Destiiron, trazendo o desconcertante título: 1001 maneiras de ofender um troll cinzento. Então, alguns animados gnomos subiram em tais adormecidos trolls e cochicharam impropérios em seus ouvidos, fazendo com que eles se elevassem, sobre os seus assombrosos quinze metros, extremamente irados. Julgando que os impropérios fossem proferidos pelos companheiros – o que era muito comum – passaram a atacar uns aos outros, nas proximidades do portão. Isso claramente atraiu a atenção dos homens de fogo que logo constataram a presença dos gnomos.

Não demorou muito para os espantosos elementais da terra estarem completamente cercados por homens de fogo não ígneos. Mas, longe de ficarem amedrontados, em meio à confusão estabelecida pelos furiosos trolls, o estupendo Guldariar olhou para o inimigo, que formou um círculo espesso envolta do grupo de intrépidos invasores, e, colocando displicentemente as mãos na cintura, disse provocativamente:

-Ei, vós sois feios assim mesmo ou batestes com a cara no muro?

Os estranhos homens de fogo se entreolharam. O esperto Guldariar jamais soube se eles perceberam que foram ofendidos ou não, afinal a língua salamândrica era muito diferente do dialeto da Centrovíngia as quais as debochadas palavras foram proferidas, embora muitos seres salamândricos compreendessem tais falas. Mas, é claro, para meros gnomos, aqueles homens de fogo eram as criaturas mais feias criadas sob o céu, pois eram algo entre o homem e o lagarto. Seus olhos eram como o dos ferozes crocodilos e não se podia dizer que suas peles fossem animal ou mineral.

Talvez, naquele estático momento, fosse a ocasião em que gnomos ficaram mais próximos dos elementais de fogo, desde milhares de anos atrás. Mas, o momento não durou muito pois, logo, um troll cinzento caiu sobre vários homens de fogo, prendendo-os sob o seu pesado corpo. Além disso, um grito de um gnomo atento fez com que seus companheiros se abaixassem, enquanto que uma enorme barra de ferro passou zunindo em voleio, arremessando vários outros elementais do fogo a dezenas de metros de distância.

Imediatamente, uma confusão generalizada se instaurou naquele funesto pátio, nas imediações do portão. Os irados homens de fogo que se mantiveram em pé estufaram os peitos e se incendiaram, partindo sobre os invasores. Mas esses eram mais rápidos e espertos: quicavam de um lado para o outro, corriam em torno dos vorazes trolls, sendo que esses frequentemente e inadvertidamente atingiam homens de fogo, enquanto lutavam entre si.

Fui quando Guldariar notou que farelos de alvenaria brotavam da região onde se assentava uma das dobradiças e, sorrindo qual um macaco levado, entendeu que aquela barra de ferro na verdade se tratava da grossa trava do portão, o qual balançava, quase se abrindo, aos solavancos do carneiro, no lado de fora.

Os guardas de Piramar compreenderam tarde demais o que estava acontecendo. Primeiro, foram distraídos pelos gnomos. Depois, avistaram os lanceiros élficos se aproximando, brilhando sob chamas refletidas, reluzindo como uma linha de incêndio. Mas não viram o formidável carneiro, que avançava sob a escolta da centúria de gigantes.

Tão logo avistaram os destemidos elfos, houve a ordem para o carregamento das funestas catapultas. Selvagens nortistas, então, carregaram-nas, depositando estranhas esferas escuras e irregulares em suas profundas conchas e, em seguida, ateando fogo às mesmas.

Mas, nesse momento, o mais terrível foi um assombroso som que emanou das torres da infame cidade: o terrível som das ensurdecedoras trombetas de fogo. Tão logo as ouviram, os soldados aliados tremeram e os bravos elfos se detiveram por alguns instantes. Mas, imediatamente responderam com suas próprias trombetas, que ecoaram fortemente pelos campos adjacentes, por dezenas de quilômetros quadrados, como se um inelutável furor de mil tempestades estivesse passando por aqueles enormes cornos.

Então, uma sinistra nuvem se elevou, vinda da acuada cidade. Os valentes elfos temeram novamente, pois logo constataram que se tratava de uma espessa coluna feita de dragões rubros. Mas, antes que essa triste nuvem atingisse os reluzentes lanceiros, outra nuvem apareceu, formada pelos esverdeados dragões élficos, de longos pescoços e caudas, conduzida por certos arqueiros, comandados pelo valente Mordarion.

As duas nuvens, a verde e a vermelha, se chocaram no ar, com o estrondo de guinchos e baques, mas os elfos são os senhores do voo. Assim, conseguiram passar por entre os dragões salamândricos, desnordeando-os, e atingindo a região da cidade, onde trataram de flechar os selvagens nas catapultas.

Nesse mortal instante, o carneiro atingiu o portão, sob os primeiros raios de sol, no preciso instante de tempo tal qual o matemático Sirius havia calculado, levando-se em conta a distância, declividade do terreno e até da velocidade do vento. Imediatamente, os destemidos gigantes abaixaram as abas laterais da máquina, constituídas por inquebrantáveis dentes de ferro, que se fincaram firmemente no chão. Então, virando algumas alavancas, espessas fumaças surgiram do tanque de água fervente, e a cabeça de carneiro passou a bater violentamente contra uma das pesadas dobradiças.

Foi quando os terríveis dragões salamândricos, agora reorganizados, passaram a despejar intensas labaredas sobre a linha de lanceiros élficos. Muitos foram incinerados, morrendo em desespero. Outros simplesmente tiveram suas armaduras derretidas, transformando-se em verdadeiros sarcófagos. Mas a linha élfica pôde resistir bravamente, e continuar avançando, graças ao vento gerado pelas feiticeiras que lhes acompanhavam. O Zephyros soprou forte contra os dragões, fazendo-os engolir suas próprias labaredas e arremessando parte deles para trás.

Mas, em meio à confusão, os agitados lanceiros troglolithais se precipitaram à frente, impacientes com a marcha. Os lagartos gigantes passaram a correr em direção as muralhas da velha Piramar, ultrapassando os chamuscados elfos, liderados pelo insólito Noruah. Imediatamente, passaram a ser atacados pelos dragões, sendo que muitos pereceram ali, a mais de um quilômetro das rubras muralhas.

Então, o valente Vista Grande, sobre o seu escuro cavalo, ao lado do incomparável rei, disse afoitamente:

-Vamos, majestade!

Mas Alionor olhos de coruja fitava o portão absolutamente sem piscar. Eu, que estava bem atrás deles, vi aqueles olhos incomparáveis e compreendi o que se passava na inenarrável mente do jovem senhor das espadas: Ele esperava o instante preciso que o quase intransponível portão cederia.

E, nesse momento, o triste campo de batalha já havia se transformado num infernal pesadelo, pois projéteis ígneos partiam abundantemente da cidade, transformando o céu e a terra em espaços em chamas.

Mas, a dobradiça do portão logo cedeu, pois o espantoso carneiro a arrancou da parede. Sob o seu próprio titânico peso, a folha esquerda do portão pendeu, apoiada em sua própria dobradiça superior, rangendo fantasmagoricamente. A parte superior direita daquela folha se projetou para dentro do pátio, enquanto que a inferior esquerda se elevou, revelando uma abertura suficientemente grande para se fazer passar um numeroso exército.

Imediatamente, o lendário Alionor esporou o seu cavalo, desembainhando a incomparável espada nuai. Gritou com voz estridente:

-Brenor!

E todos os milhares de cavaleiros brenorianos o seguiram, alguns deles segurando estandartes em que as bandeiras que clamavam pela liberdade dos homens tremulavam, bandeiras essas que seriam incendiadas todas, mas que expulsariam definitivamente as cruéis salamandras da terra dos homens.

Tão logo o portão ruiu, uma interminável coluna de homens de fogo incendiados foi despejada para fora. Primeiro, encontrou a resistência da legião de gigantes que escoltavam o carneiro. As espadas brunalianas conseguiram decepar algumas daquelas fúnebres criaturas, mas logo todos os condenados gigantes pereceram, incluindo o próprio valoroso Shiath, que

enviou um incontável número de homens de fogo para o inferno, antes de ser completamente consumido pelas ardilosas chamas. Os poetas tuês narrariam durante séculos e séculos os feitos daquele inesquecível príncipe que, mesmo a ter a pele a se incendiar, lutara bravamente, fazendo diversas cabeças salamândricas rolares, sob a lâmina de sua inquebrantável espada nuai.

Em seguida, a coluna de homens de fogo encontrou-se com os destemidos guerreiros troglotais. Suas tristes lanças se quebraram contra a grossa crosta do corpo dos homens de fogo. A maioria deles foi consumida pelas chamas, mas a temível batalha trouxe baixas importantes para os homens salamândricos, pois os monstruosos troglodroms, enlouquecidos com o cheiro de carne e sangue assados, abocanharam muitos do respeitoso inimigo, revirando e estraçalhando aqueles seres ígneos nas mandíbulas que, mesmo envoltos no tórrido fogo, eram engolidos ou então acabavam por reduzir os gigantescos lagartos mesovíngios, numa quase interminável peleja de vida e morte.

Os homens de fogo que restaram encontraram a inabalável linha de lanceiros élficos, que já se aproximava das rubras muralhas. Estes, treinados e frios, conseguiram, na sua maioria, inserir inexoravelmente suas lustrosas lanças nos pescoços das criaturas ígneas, embora, em função disso, perdessem suas armas, derretidas pelo fogo agonizante do pérfido inimigo. Contudo, trouxeram pares de cimitarras nas costas e, sacando-as, alimentados pelo ódio milenar, venceram com relativa facilidade a horda que defendia a augusta Piramar.

Enquanto isso, uma batalha de guinchos ensurdecadores, fogo e flechas se processava no obscurecido céu matinal. O inigualável príncipe Mordarion incitava seus companheiros a enfrentar os terríveis dragões vermelhos, servindo-se mais da malícia do que da força, pois aqueles alados animais inimigos possuíam a nítida vantagem.

Em terra, a célere cavalaria do divino Alionor penetrou a desguarnecida cidade, sumindo-se velozmente no seu interior, visando a destruição das ruidosas catapultas de aço. Foi nesse funesto instante que elas apareceram: as salamandras, as senhoras do fogo. Muito mais fortes e poderosas que os homens de fogo, capazes de projetar irresistíveis jatos plasmáticos a distância, cuspiendo labaredas pela boca e pelos inescrutáveis olhos.

Mas o glamoroso Alionor não se desviou de sua prioridade, segundo o seu próprio posterior relato, cabendo aos valorosos elfos o horrível enfrentamento. Os feiticeiros karnevianos convocaram os fornidos ventos. Assim, no imenso pátio posterior ao portão, as chamas salamândricas encontraram os ventos dos silvestres elementais do ar e quem estava entre as duas linhas inimigas que se formaram ou foram incinerados ou foram atirados ao ar, tamanha a fúria dos elementos ali convocados. Assim, quando as chamas se amainaram e o vento enfraqueceu, as colunas se encontraram e os sangue verde e vermelho se misturaram no chão. Os elfos tentavam degolar as vultosas salamandras, enquanto que estas, utilizando ainda o tanto de chamas que lhes restaram, assar os tépidos invasores.

Foi nesse momento que o corajoso Albion viu diante de si a presença da mais terrível delas: Baraktomaraht, a rainha de Piramar. Eles se miraram durante intermináveis poucos instantes. O coração do herdeiro de Karnevion lhe pulava no peito, segundo o seu próprio sentimental relato. Ele se sentiu ao mesmo tempo enojado e excitado pela presença da rainha.

Sua aparência era ao mesmo tempo horrível e atraente, pois os seus olhos de serpente eram hipnotizadores e suas ancas femininas, irresistíveis para um mero mortal. Mas o seu rosto era um meio-termo perfeito entre uma mulher e um lagarto e, de sua terrível boca entreaberta, apareciam dois dentes pronunciados, tais como o de uma víbora.

Mas o notável Albion foi corajoso e destemido, pois mergulhou nas suas temíveis chamas tão logo foram reativadas, projetando ambas as mortais cimitarras contra o pescoço da mais poderosa das salamandras. Atônitos, muitos ouviram o surdo som da cabeça rolando, ainda em chamas, enquanto que a armadura do inesquecível príncipe fumegava. Ele, em meio a gritos de dor e agonia, não caiu, mas se aproximou de novo do corpo sem vida e, gritando “Por Athlon! Por Athlanda!”, esquartejou-o em pedaços, golpeando nas juntas, as únicas partes vulneráveis, até que perdeu a consciência.

Nesse momento, eu devia estar estrategicamente posicionado atrás de uma enorme pálida pedra, em meio ao nefasto campo de batalha, a dois quilômetros das rompidas muralhas. Foi quando, olhando a minha esquerda, vi a terrível e fria maga, avançando pelo mórbido campo, com o poderoso cajado na mão. Vociferando incansavelmente os encantamentos negros, liquidava sem piedade o inimigo. A linda e mortal Meissa ora fazia com que corpos de humanos e salamandras apodrecessem, ora derretessem, ora se fundissem, impiedosamente abandonando-os sobre o chão fumegante, suplicando infernalmente por clemência.

Já, ao meu lado direito, estava o colossal Sirius, parado no meio do campo de batalha, apoiado no seu cajado, com os formidáveis olhos fechados, parecendo exercer o seu inelutável poder mental sobre a localidade. Não corria perigo, pois, a sua volta, um campo mágico se formou, onde nenhum inimigo penetrava. Mas, dado ao que aconteceu em seguida, compreendi muito bem a razão daquilo: o inenarrável grã-sacerdote esperava o seu real inimigo.

E, como que pressentindo o poderoso mago, ele apareceu. O primeiro formidável sinal foi o obscurecimento do céu, como se algo verdadeiramente grande se posicionasse à frente do Sol. Depois, veio o medonho guincho. Um guincho que ensurdeceu todos os combatentes e provavelmente foi ouvido desde o sagrado Monte Armon até as secretas terras de Machu. Então, houve um tremor que sacudiu a sólida terra e que pude sentir como um estonteante formigamento sob os pés. Algo grande e funesto havia pousado a poucos passos do valoroso Sirius. Uma enorme massa rubra, que estendeu enormes asas. Embora espessas colunas de fumaça se projetassem ao obscurecido céu, saídas da escaldante terra, e labaredas inúmeras caíssem das alturas, tal qual uma chuva de fogo, embora a vista estivesse turvada pela fantasmagórica contorção do ar aquecido, não havia dúvidas sobre a mortal identidade daquele ser, pois aqueles olhos vivamente amarelos que pareciam jorrar lúgubre veneno e o cintilar do cristal rubídeo sobre a sua testa, bem como os incontáveis chifres sobre sua terrível cabeça, não deixava dúvidas de que aquela paquidérmica figura era o poderoso e indestrutível Pharmagon, o Senhor dos Dragões.

Mas, embora estivesse apavorado, não foi o medo que vi no semblante do lendário Sirius e sim a justa determinação. Ele, calmo como uma frondosa árvore, apertou os olhos e



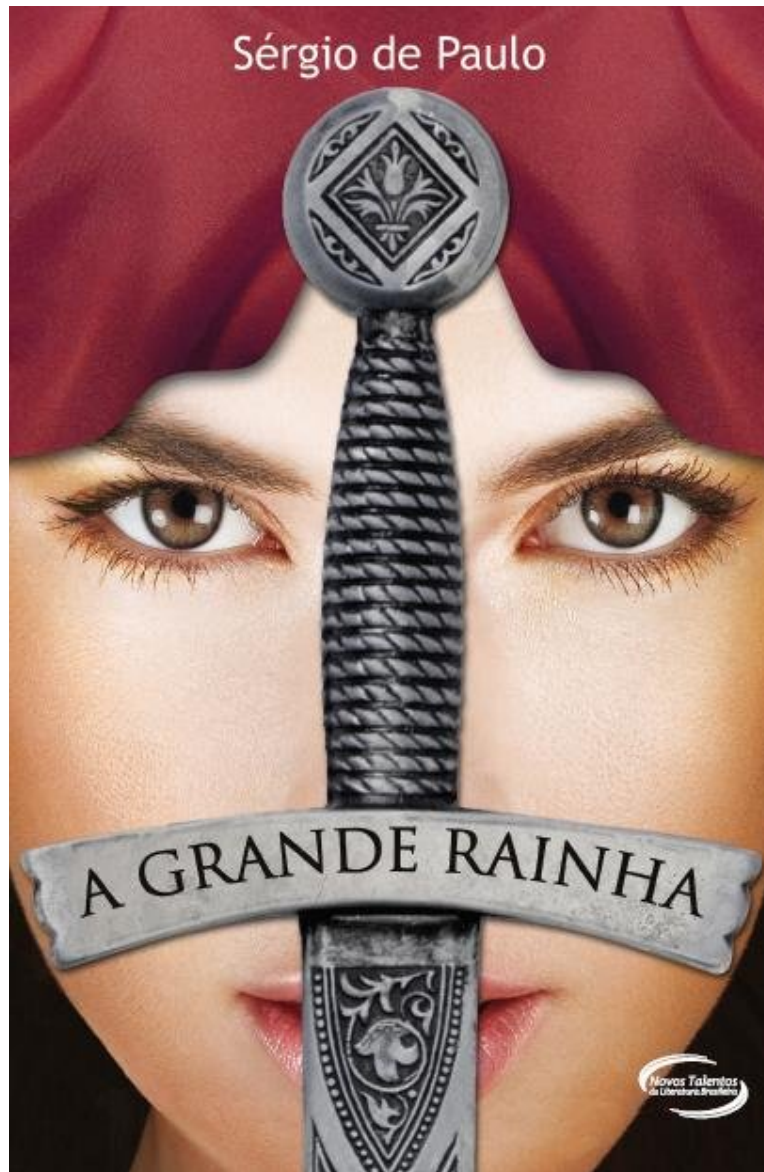
segurou firme o pétreo cajado. Apenas pude constatar, lendo-lhe os lábios, o que o honroso mago pronunciara:

-Criatura dos infernos!

Mas Pharmagon esticou o imenso e fornido pescoço e, abrindo a terrível boca repleta de longos dentes ponteados em diversas fileiras, não foi o fogo que despejou, mas um ensurdecido rugido ao céu, pois o senhor dos dragões não queria liquidar logo o inimigo, mas alertar a todos sobre a sua presença. O absoluto Pharmagon queria que todos soubessem que ali estava a mais poderosa criatura da Micropella.

Depois, abaixou novamente a cabeça e, desafiadoramente, mirou o venerável adversário. Sirius apurou o reluzente cajado, parecendo saber o que fazer. E, então, ali, bem diante dos meus incrédulos olhos, se desenrolaria a mais notável batalha entre um dragão e um mago de todos os tempos.

Já nas melhores livrarias,  
o primeiro livro da Saga de Mitrax:



# A Grande Rainha

# A Saga de Mitrax

Livro I

## A Grande Rainha

(Primeiro, Segundo e Terceiro Ensinaamentos)

Livro II

## O Senhor do Gelo

(Quarto Ensinarmento)

Livro III

## Os Cinco Príncipes

(Quinto Ensinarmento)

Livro IV

## O Fogo de Dracmali

(Sexto Ensinarmento)

Livro V

## O Caminho das Estrelas

(Sétimo Ensino)

Livro VI

## Capitão Phoebe e a Esfera de Grach

(Oitavo Ensino)

Livro VII

## Relatos de Mitrax aos seus Pupilos

(Nono Ensino)

Livro VIII

## Belzebius e a Guerra das Virtudes

(Décimo Ensino)

Livro IX

## De Decoerelibus

(Décimo Primeiro Ensino)

Livro X

## Crônicas de Adamastor

(Décimo Segundo Ensino)